

**CAPÍTULO 02 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL DO
COMPONENTE INDÍGENA**

**Anexo 9.1 - 3 – Documento para orientação para
elaboração do PPP nas aldeias**

**Formação continuada para professores indígenas e
professores não indígenas do Médio Xingu**

**Orientações para a elaboração de
Projeto Político Pedagógico
de Escolas Indígenas**



06 a 11 de outubro de 2014

Altamira – Pará

Organização: Pollyana Mendonça

Orientações para a elaboração de Projeto Político Pedagógico/PPP de Escolas Indígenas

Esse documento foi elaborado para servir como apoio na elaboração de Projeto Político Pedagógico/PPP para escolas indígenas. É um material com referências, dicas e exemplos que podem ajudar nas discussões. Mas cada PPP deve ser único, retratando a realidade, os objetivos e o jeito de cada povo lidar com a educação escolar indígena.

Para elaborar um PPP o povo deve refletir sobre o que é importante ensinar e aprender, pensando no fortalecimento do próprio povo, na defesa de seus direitos, na garantia de uma vida saudável para as futuras gerações.

Portanto o PPP deve ser pensado por todas as pessoas da comunidade interessadas na educação escolar: professores indígenas, alunos, mães e pais, avós e avôs, caciques, lideranças, pajés, etc. Uma vez elaborado, todos também devem contribuir para colocar o PPP em prática.

Na prática surgirão novas reflexões, facilidades e dificuldades, o que faz com que o PPP seja um documento em constante transformação, atendendo cada vez mais as necessidades de cada povo, de acordo com seu contexto, com seus conhecimentos tradicionais e as formas tradicionais de se transmitir esses conhecimentos.

A importância da escola para os Povos Indígenas

Hoje em dia, na sociedade nacional, a escola não é uma opção, ela é uma obrigação. Mas, os alunos, pais e professores podem pensar e escolher como seria a sua “escola ideal”? Os povos indígenas podem!

É garantido por lei que os povos indígenas definam o padrão, a estrutura de funcionamento, os conteúdos e o calendário de sua própria escola, de acordo com suas tradições e planos de futuro.

Então, para começar a discussão, a primeira pergunta importante é pensar: porque e para que queremos a escola?

Durante a Formação foram feitas discussões em grupo, separados por povo, sobre essa pergunta e as respostas se resumiram em:

ASURINI

Para que queremos a escola?

- Para valorizar e fortalecer a cultura, a língua; registrar a língua, a cultura, funciona como um acervo.

Pontos positivos da escola hoje:

- colabora com a comunidade
- ensina a ler e escrever

Pontos negativos da escola hoje:

- falta material didático específico
- falta “ginásio”

ARARA

Para que queremos a escola?

- Para alfabetizar na língua indígena; ensinar sobre a nossa realidade; ensinar etnomatemática.

Pontos positivos da escola hoje:

- já temos professores indígenas

Pontos negativos da escola hoje:

- falta material didático específico
- falta conteúdo específico do nosso jeito

XIPAYA / KURUAYA

Para que queremos a escola?

- Para preservar a cultura e a terra. Nossa escola deve servir para reforçar a identidade e abrir parcerias. Para conhecer nossos direitos e as ameaças e saber lutar contra elas. Para ensinar a língua indígena. Para pensar metodologias e materiais próprios.

Pontos positivos da escola hoje:

- jovens e professores indígenas estão conscientizados

Pontos negativos da escola hoje:

- adultos e velhos que não ajudam a valorizar a cultura

PARAKANÃ

Para que queremos a escola?

- Para valorizar a cultura e mostrar nosso orgulho por ela (cultura). Para mostrar nossa forma tradicional de vida. Nossa vida é entre dois mundos, então a escola serve para trazer o conhecimento do mundo não indígena.

Pontos positivos da escola hoje:

- já temos professores indígenas em sala de aula

Pontos negativos da escola hoje:

- não temos materiais didáticos específicos

JURUNA

Para que queremos a escola?

- Para conhecer nossos direitos, fortalecer nossa autonomia e cultura.

Pontos positivos da escola hoje:

- formam profissionais para trabalhar nas aldeias
- hoje tem professores indígenas
- estrutura física das escolas são boas

Pontos negativos da escola hoje:

- evasão de crianças e jovens para a cidade
- não temos um ensino diferenciado

ARAWETÉ

Para que queremos a escola?

- Para valorizar a cultura e a língua.

Pontos positivos da escola hoje:

- ensina a ler e escrever

Pontos negativos da escola hoje:

- faltam materiais didáticos específicos

XIKRIN / KARARAÔ

Para que queremos a escola?

- Para fortalecer a identidade e a língua; para conhecer coisas “de fora” (mundo não indígena); para criar métodos próprios de ensino.

Pontos positivos da escola hoje:

- já temos uma escola física (uma escola construída)
- temos professores indígenas

Pontos negativos da escola hoje:

- não temos materiais didáticos específicos

Uma vez que a comunidade discutiu se a escola é importante, e qual o papel dela na formação de suas crianças e jovens, é hora de começar a organizar o PPP. É importante pensar então nas próximas perguntas: para quê (objetivo); o quê (conteúdos); como (métodos); quando (calendário); onde e com quem (atividades e especialistas).

Aqui segue uma possibilidade de organização, que deve ser adaptada ao contexto e necessidades de cada povo. Cada item deve ser discutido amplamente com a comunidade (todas os interessados, alunos, pais, mães, lideranças, avós, etc.), e na maioria deles a ajuda dos mais velhos será fundamental. (Na Formação foram apresentados vários exemplos de PPPs de outros povos e as soluções por eles encontradas no preenchimento desses itens. Em anexo segue um CD com esses materiais de apoio).

- **Apresentação**
- **Justificativa e marco legal**
- **Quem somos nós**
- **Nossa história com a educação escolar**
- **Objetivos da nossa educação escolar**

Durante a Formação, a partir das discussões em grupos, a conclusão geral é que a escola indígena funciona como uma ponte entre os dois mundos – indígena e não indígena – então ela deve transmitir os conhecimentos do não indígena necessários para a defesa dos direitos do povo, e ao mesmo tempo apoiar a transmissão dos conhecimentos tradicionais para a valorização cultural do povo. Daí cada povo vai decidir as ênfases mais importantes em cada conhecimento.

Para atingir esse objetivo geral, disseram na Formação que a escola precisa ter:

* estar regularizada como escola indígena (com o próprio nome indígena da escola);

* ser autônoma do ponto de vista pedagógico e administrativo;

- * professores indígenas qualificados;
- * escolas construídas e professores indígenas em número suficiente para atender todas as aldeias;
- * formação continuada para professores indígenas;
- * acompanhamento pedagógico para os professores indígenas;
- * materiais didáticos e para-didáticos específicos e de qualidade;
- * materiais escolares para todos os alunos e para suporte do trabalho do professor;
- * calendário escolar adequado ao calendário tradicional do povo;
- * prédio escolar adequado de acordo com as necessidades da aldeia;
- * merenda escolar específica e de qualidade (regionalizada);
- * equipamentos necessários para as práticas pedagógicas: computadores, internet, filmadoras, gravadores, televisão, DVD, data-show, tela de proteção, impressora, móveis (mesas, cadeiras, arquivos, armários, etc.), energia própria (sistema de energia solar e manutenção), geladeira, freezer, materiais de secretaria (grampeador, perfurador, guilhotina, etc.), rádio de comunicação;
- * transporte escolar adaptado às necessidades de cada povo (barco, carro, etc.) e combustível (para alunos e professores no cotidiano e para professores nas formações, reuniões, etc.)
- * transporte dos materiais didáticos e merendas;
- * os professores precisam ter carteira assinada e uma remuneração condizente com sua categoria (concurso da prefeitura com edital para os professores indígenas);
- * para que o trabalho do professor possa sempre melhorar, inclusive como pesquisador indígena, é necessário apoio dos sabedores e especialistas de cada povo, e também de assessoria de especialistas não indígenas (antropólogos, linguistas, pedagogos, arqueólogos, matemáticos, etc.).
- * gestão escolar indígena (coordenadores pedagógicos, diretores, etc.)

- **Participação da comunidade e controle social**

- **Metodologia**

Refletir sobre o jeito tradicional de ensinar e aprender, e dizer como o professor deve levar esse jeito em conta na hora de ensinar na escola. É importante também levar em conta as tradicionais faixas de idade de cada povo.

- **Áreas do conhecimento**

- **Divisão das turmas**

Sobre esses dois últimos itens os povos se organizaram em grupos e apresentaram o resumo das primeiras reflexões:

Juruna/Yudjá

Refletiram que separar por ciclos pode ser uma boa opção.

1º Ciclo - 2 anos de duração (mais ou menos de 4 a 5 anos) – 1.600 horas

2º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 6, 7 e 8 anos) – 2.400 horas

3º Ciclo - 2 anos de duração (mais ou menos 9 e 10 anos) – 1.600 horas

4º Ciclo - 2 anos de duração (mais ou menos 11 e 12 anos) – xxx horas

5º Ciclo - 2 anos de duração (mais ou menos 13 e 14 anos) – xxx horas

- Estudos da linguagem (língua indígena, língua portuguesa e artes)

- Estudos da sociedade e natureza (juntando ciências, geografia, história de forma interdisciplinar)

- Estudos da saúde (plantas, cuidados com o corpo e com a aldeia/ambiente, doenças, práticas para a saúde, etc.)

Xipaya

Tem outra visão de escola, tal como está não está adequada para as necessidades do povo.

Querem que a educação infantil seja toda voltada para aspectos da cultura tradicional, cantos, pinturas, brincadeiras, histórias, etc.

Preferem organizar por ciclos:

1º Ciclo - 2 anos de duração (mais ou menos de 4 a 5 anos) – 1.600 horas

2º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 6, 7 e 8 anos) – 2.400 horas

3º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 9, 10 e 11 anos) – 2.400 horas

4º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 12, 13 e 14 anos) – 2.400 horas

5º Ciclo - (ensino médio) 3 anos divididos em 2 etapas de 1 ano e meio cada.

Que a escola tenha dois momentos, um voltado para os conhecimentos tradicionais, e que esse seja o primeiro momento na educação escolar indígena. E um segundo momento, posterior, onde serão estudados os conhecimentos do universo não indígena.

Araweté

O professor está sozinho na Formação, dá aula na aldeia Ipixuna, para crianças do primeiro ano. Ele ensina a língua indígena, língua portuguesa, história e matemática. Para crianças maiores quem ensina são as pessoas mais velhas, porque elas tem mais conhecimentos.

Assuriní

- Estudos da linguagem - língua indígena, língua portuguesa, artes.

- Estudos da sociedade e natureza - conteúdos interdisciplinares de história, geografia e ciências. Ensinarão conhecimentos tradicionais e também conhecimentos do não indígena.

- Estudos da matemática

- Estudos da saúde - remédios tradicionais, plantas, doenças, cuidados com o corpo, etc.

Xikrin e Kararaô

Sobre a educação infantil, eles vão levar a discussão para a comunidade para saber o pensam sobre isso, se querem ou não.

Dividiram por ciclos:

1º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 6, 7 e 8 anos) – 2.400 horas

2º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 9, 10 e 11 anos) – 2.400 horas

3º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 12, 13 e 14 anos) – 2.400 horas

- Estudos da linguagem (língua indígena, língua portuguesa e artes)
- Estudos da sociedade e natureza (juntando ciências, geografia, história de forma interdisciplinar)
- Estudos da saúde (plantas, cuidados com o corpo e com a aldeia/ambiente, doenças, práticas para a saúde, etc.)

Arara

Não deu tempo de discutir bem as áreas do conhecimento, vão levar o assunto para ser discutido nas aldeias.

Dividiram por ciclos. Mas a educação infantil deve ser feita pela mãe e pelo pai primeiro, depois é que a criança virá para a escola ser alfabetizada.

1º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 6, 7 e 8 anos) – 2.400 horas

2º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 9, 10 e 11 anos) – 2.400 horas

3º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 12, 13 e 14 anos) – 2.400 horas

Parakanã

- Estudos da linguagem (língua indígena, língua português e artes, considerando as artes tradicionais: cantos, danças, pinturas; e tecnologias não indígenas, filmes, gravações, registros audiovisuais, etc.). A alfabetização será feita na língua materna.

- Estudos da natureza e do homem (estudará sobre o povo Parakanã e outros povos, o modo como vivem e interagem com a natureza. Juntando ciências, geografia, história de forma interdisciplinar).

- Estudos da matemática

- Estudos da saúde (plantas, cuidados com o corpo e com a aldeia/ambiente, doenças, práticas para a saúde, etc.)

Na cultura Parakanã os elementos da vida cotidiana aparecem nos sonhos, nos cantos, na fabricação dos artesanatos, etc.

- Os conteúdos ensinados na escola (que os não indígenas chamam de ciência, geografia, história, matemática, etc.) estão desde sempre presentes em todos os âmbitos da vida do povo, nas caçadas, nas festas, nos rituais, no trabalho cotidiano.

Então o ensino e a aprendizagem acontece o tempo todo na aldeia.

Dividiram por ciclos

1º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 6, 7 e 8 anos) – 2.400 horas

2º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 9, 10 e 11 anos) – 2.400 horas

3º Ciclo - 3 anos de duração (mais ou menos 12, 13 e 14 anos) – 2.400 horas

- **Sistemas de avaliação**

Juruna, Xipaya, Araweté e Kuruaya

O professor deve ficar observando a participação das crianças e seu aprendizado.

Só de falar 'prova' o aluno fica nervoso, não queremos intimidar o aluno, e sim fazer de uma forma mais leve, temos que ensinar o aluno e não assustá-lo. Dentro da escola é permitido errar, e o professor vai ajudar o aluno a corrigir o seu erro. Cada aluno tem um tempo para aprender e facilidades com alguns conteúdos e dificuldades em outros.

O povo Xipaya antigamente comprometia o casamento desde a infância e o crescimento das crianças era observado e monitorado para garantir o aprendizado delas, especialmente nas questões tradicionais. Da mesma forma deveria ser na escola. Refletiram que os alunos devem ser avaliados a cada mês de forma descritiva, e de forma contínua, e que o professor acompanhe todas as atividades dos alunos, dentro e fora da escola.

Também gostaram dos modelos de diários diferenciados apresentados, com uma estrutura mais simples e adequada à realidade de cada povo.

Arara

A avaliação em provas e notas utilizada hoje em dia não tem dado muito certo porque os alunos se sentem pressionados e às vezes, mesmo sabendo o conteúdo, eles não conseguem acertar. Por isso o professor fez a experiência de fazer avaliações qualitativas, observando o comportamento do aluno e seu desempenho, dentro e fora da sala de aula. Depois o professor chama cada aluno individualmente e conta o que o professor achou do aprendizado e do comportamento do aluno. Essa conversa com os alunos tem dado bons resultados, está funcionando porque o desenvolvimento e compromisso dos alunos melhora bastante.

O professor pode observar se o aluno presta atenção nas explicações, nas atividades, sem precisar dar prova. Tem alunos que já sabem que o professor observa o comportamento e fazem tudo direitinho.

Assurini

Nós fizemos uma reflexão básica. Hoje temos 4 avaliações por ano e no final é muita ficha para preencher. As vezes o calendário atrasa e mal começa já tem prova. Desse jeito não está bom.

Pensamos em fazer somente duas avaliações por ano, uma por semestre. Diariamente será avaliada a participação do aluno, seu aprendizado e desenvolvimento, pela observação em sala de aula e de forma oral. Ao final de cada semestre o aluno será avaliado de forma escrita também.

Parakanã

De acordo com nossa reflexão, hoje nossa avaliação é feita no padrão do não indígena. Agora vimos os exemplos dos outros parentes e pensamos em outras alternativas.

Podemos avaliar os alunos de forma contínua, observando a participação e desempenho do aluno da sala de aula e nas atividades tradicionais, seja em festa, seja na produção dos artesanatos, sempre que há a transmissão do conhecimento tradicional. Também podemos passar uma prova escrita de forma que o aluno não perceba que está sendo avaliado, como uma redação ou um exercício, por exemplo.

Pensamos também em levar os mais velhos para dentro da escola, para contar histórias e ensinar sua sabedoria.

Também gostamos do exemplo de usar conceitos. Fizemos assim: Okwahawete: ótimo/excelente/aprendeu tudo. Okwaham: bom/aprendeu bem. Okwahawere: regular/aprendeu um pouco. Nokwahawihi: insuficiente/não aprendeu bem ainda.

A nossa avaliação deve ser de forma contínua, pela observação, participação e também usando a escrita, mas de foram adaptada à nossa realidade.

Xikrin

Achamos muito interessante ver outros exemplos de PPP. Também usamos o sistema de avaliação por nota e percebemos que as provas pressionam os alunos que ficam nervosos e atrapalha o seu desempenho. Decidimos também adotar o sistema de avaliação por conceitos: Mejkumrem - ótimo; Mej - bom; Caybenei - regular; Mej ket - insuficiente.

- **Currículo**
- **Calendário escolar**

Para a organização do calendário escolar, é fundamental partir do calendário tradicional de cada povo, e a escola deve se adaptar à ele. Também é muito importante considerar o papel da mulher e as atividades feitas por elas dentro das aldeias e colocar isso no calendário também. Resultados das discussões em grupos:

Juruna/Yudjá

Serão 208 dias letivos, dos quais 166 são aulas em sala na escola, e 42 dias de aulas tradicionais/práticas: plantação, colheita, farinha, caça e festa.

Serão 05 dias de aulas na semana, 4 em sala e 1 de pesquisa de campo. O controle será feito com uma tabela que indica os dias de aula em sala e os dias de aula de pesquisa de campo/aulas tradicionais.

Araweté

Organizaram o calendário partindo dos tempos bem marcados de inverno e verão, foram organizando as festas, os rituais, o tempo de brocar a roça, de colher frutas, de derrubada de pau, de plantar, de pegar muito peixe, de colher castanha, de caçar muito, de colher as coisas da roça.

No verão, no período seco é o tempo das caçadas, festas, broca, derrubada e plantios, então tem muito movimento na aldeia, muitas atividades tradicionais coletivas.

Quando está chovendo muito é o período em que as pessoas ficam mais quietas nas aldeias, mas também tem plantios e colheitas, atividades coletivas.

Nos períodos das entressafras de frutas e colheitas das roças eles devem buscar outros alimentos, então eles andam muito, apesar de agora estarem fixos na TI, tem aspectos semi-nômades. A agricultura é muito importante na vida dos Araweté, não só para os alimentos como para toda a vida ritual do povo.

O calendário tradicional e os modos de lidar com ele é tratado com muito respeito. As aulas podem acontecer principalmente nos períodos de chuva, quando eles ficam mais tempo na aldeia. É nessa época também que mais produzem artesanato.

Arara

Pensando sobre como o povo Arara lida com o tempo eles fizeram um calendário cíclico, com as principais épocas para a caçada, coleta de frutas, limpeza e plantio da roça.

Hoje temos essa divisão de meses. Mas antigamente, no nosso jeito tradicional, o tempo é dividido em fases: pelo tempo em que começa as chuvas (cuidar da roça, pescar de flecha), quando já o rio já está bem cheio (bom para caçar, comer frutas), quando começa a vazar (começa a cantar a cigarra, é tempo de fazer a roça, de desova do tracajá, etc.) e quando já fica seco (é quando tem mais atividades, festas, namoros, casamentos, rituais de primeira menstruação. Nesse tempo da seca é quando se preparava fazendo flechas, arcos e depois quando começava a enchente já estávamos prontos para a pesca de piracema, com flechas). Então na seca é bom para as atividades práticas com os alunos.

Parakanã

Fizeram o calendário baseado na vivência do seu povo. Separaram em duas grandes categorias: inverno e verão. É uma base para construirmos o nosso calendário escolar. O povo Parakanã é especialista em caçar, tanto de noite quanto de dia. Os velhos dizem que os jovens tem muito a aprender.

Verão: É o tempo em que acontece muitas festas, festa do cigarro, festa da taquara, etc. Também tem os tempos das coletas de frutas, de pescar com timbó, de caçadas - tem caçada que são só para uns animais específicos: mutuns, porcão, etc.

Depois tem o tempo de produzir artesanatos, arco e flecha, panelas de argila. Isso acontece no mesmo tempo da reprodução dos jabutis e tracajás.

No final do verão é o tempo em que as plantas da mata trocam de folhas e os velhos identificam as plantas. Os velhos tem muito conhecimento, e continuam contando as histórias do que acontece em cada tempo.

Tem uma fruta que indica quando vai começar o inverno. No inverno então é o tempo bom para caçar muitos animais, porque eles estão gordos de tanto comer frutas, e caçam todos os dias.

É o tempo das coletas de frutos, de acampar no mato, e é quando fica mais fácil de pescar os peixes.

Depois tem um período de descanso, no qual se conta histórias, limpa a aldeia, etc.

Xipayaya

Hoje o povo está dividido em 3 aldeias e as 3 estão seguindo o mesmo modo de calendário. Hoje dividimos o calendário em 5 ciclos dentro do inverno e verão, considerando a subida e a baixada das águas. Na vazante, de maio a agosto são feitas muitas atividades, brocamos roça, fazemos artesanato, etc. As festas tradicionais hoje não são mais realizadas, mas estamos nos organizando nas aldeias para retomar esses rituais e isso vai reformular o nosso calendário.

Mas a partir do começo do verão já começamos a fazer pequenas festas, voltamos a produzir o caxiri. No meio do ciclo do verão fazemos festas e as vezes convidamos nossos parentes para visitar.

Depois começa o tempo de brocar a roça, que é dividido em duas etapas. Também é tempo de coletar materiais para a fabricação de artesanatos e as mulheres ficam mais em casa fazendo os artesanatos.

Depois de limpar as roças tem o período de acampar nas praias, caçar e coletar ovos de tracajá.

Com o começo das chuvas, a partir de outubro e vai até dezembro o trabalho é todo nas roças, coivara e plantio, de muita variedade de alimentos. Então só começamos a plantar quando começa a primeira chuva, antes disso não plantamos.

Quando o período é de muita chuva, final de dezembro até março, é o período que dá menos peixe, diferente do que disseram os colegas Parakanã lá na terra deles. Porque a região é baixa e alaga muito. Por outro lado é muito bom de caçar, porque os bichos todos vem para a beira do baixão, não precisamos andar longe para caçar.

O tempo de coletar a castanha está mudando e também os animais que comem ela aumentaram muito. Então eles, mesmo correndo risco de cair o coco na cabeça, começam a coletar a castanha já em dezembro.

No fim das chuvas eles fazem novos plantios, para ter produção em mais de uma época do ano.

Não deu tempo de dividir os dias letivos, mas deu pra perceber que os filhos ficam com os pais em atividades coletivas 50% do tempo. Queremos que as atividades que os alunos fazem com seus pais sejam avaliadas e acompanhadas pelos professores e que seja então consideradas como aulas práticas de atividades tradicionais.

Kuruaya

Fizemos um resumo do calendário, porque não dava tempo de colocar tudo. No verão tem broca da mata, derrubada da capoeira, colheita de sementes e cocos, e é época de muitos tracajás nas ramas do beiradão.

Depois tem as desovas dos tracajás, açai, patuá, limpeza da aldeia, broca e derrubada. Depois tem a época do plantio e de pesca.

De dezembro a março tem colheita de castanha, pequi, cajá, milho, etc.

Assurini

O calendário é baseado na lua e no rio. Na época da cheia tem colheita de milho verde, de castanha, pescaria de piracema. As crianças e jovens acompanham seus pais nas atividades, então é uma boa época para as aulas práticas de atividades tradicionais.

Depois tem um tempo de rituais que não tem data certa para acontecer, mas quando acontece todo mundo participa.

Quando aparecem 7 estrelas no céu indica que é o tempo de começar a fazer roças, vai começar a seca. Também é o tempo de fazer a barragem tradicional para pescar.

Quando o rio já está muito seco, é o tempo da pesca tradicional com timbó.

No começo das chuvas é o tempo da limpeza das roças, tem muita cutia na aldeia, não dá para deixar a roça suja.

Xikrin

Dividimos o calendário em 2 partes, verão e inverno. No tempo da seca vamos brocar, queimar, limpar as roças e depois plantar. No tempo das chuvas é quando aparecem muitos animais que facilitam nossa caça. Quando vai diminuindo a chuva, o sol começa a aparecer e muitas plantações começam a ficar maduras, é tempo de colheita.

Depois vem a festa do índio, e a sua preparação envolve caçada, pesca, preparação dos alimentos, farinha e outros alimentos tradicionais de mandioca.

Tem também a colheita do açaí e a festa do Bô. Depois é um tempo de visitas aos parentes. E depois o tempo de coletar mel, ovos de tracajá e a pesca com timbó.

A escola vai se adaptar a esse calendário, pensamos em colocar 150 horas na sala de aula e 50 em aulas práticas de atividades tradicionais. E vamos levar essa discussão para as aldeias, complementar o calendário e decidir bem a divisão das aulas.

A Formação continuada ofereceu um espaço de discussão inicial sobre o que é um PPP e o que é importante conter nele. Agora essa discussão deve ir para as aldeias e posteriormente cada povo terá um momento para sistematizar o seu PPP.

Programação de continuidade – Cronograma

Próximos passos:

1- Levar as discussões do PPP para as aldeias, reunir todos os representantes das comunidades interessados: pais, mães, alunos, mais velhos, lideranças, especialistas na tradição, etc.

Usar os materiais de apoio como exemplos e referências. A idéia não é copiar, e sim ajudar na reflexão.

Montar grupos de trabalho/comissões com pessoas interessadas da comunidade para dar continuidade às discussões e começar a organizá-las no papel.

2- Fazer uma oficina de fechamento do PPP por povo. As comissões de cada povo deve ter representantes de todas as aldeias (incluindo professores indígenas, alunos, mães e pais, lideranças, avós e avôs, sábios, etc.). Podem totalizar cerca de 30 pessoas, por exemplo, de acordo com a realidade de cada povo.

Nessa oficina de fechamento é importante a presença de uma assessoria qualificada para apoiar a sistematização.

Será necessária uma logística de reunião, por povo, para esse grande encontro em uma só aldeia: alimentação, transporte, alojamento, etc.

Xipayá: desde já as discussões serão levadas para as aldeias, em novembro haverá um trabalho mais intensivo de discussão e organização. Nessa ocasião deverá ser acordado o cronograma e pré-produção detalhados da Oficina de Fechamento do PPP Xipayá (data, logística, alimentação, participantes de cada GT, etc.).

Kuruaya: desde já as discussões serão levadas para as aldeias, em novembro haverá um trabalho mais intensivo de discussão e organização. Nessa ocasião deverá ser acordado o cronograma e pré-produção detalhados da Oficina de Fechamento do PPP Kuruaya (data, logística, alimentação, participantes de cada GT, etc.).

Parakanã: desde já as discussões serão levadas para as aldeias, em novembro haverá um trabalho mais intensivo de discussão e organização. Nessa ocasião deverá ser acordado o cronograma e pré-produção detalhados da Oficina de Fechamento do PPP Parakanã (data, logística, alimentação, participantes de cada GT, etc.).

Araweté: desde já as discussões serão levadas para as aldeias, em novembro haverá um trabalho mais intensivo de discussão e organização. Nessa ocasião deverá ser acordado o cronograma e pré-produção detalhados da Oficina de Fechamento do PPP Araweté (data, logística, alimentação, participantes de cada GT, etc.).

Assuriní: desde já as discussões serão levadas para as aldeias, em novembro haverá um trabalho mais intensivo de discussão e organização. Nessa ocasião deverá ser acordado o cronograma e pré-produção detalhados da Oficina de Fechamento do PPP Assuriní (data, logística, alimentação, participantes de cada GT, etc.).

Xikrin: desde já as discussões serão levadas para as aldeias, em novembro haverá um trabalho mais intensivo de discussão e organização. Nessa ocasião deverá ser acordado o cronograma e pré-produção detalhados da Oficina de Fechamento do PPP Xikrin (data, logística, alimentação, participantes de cada GT, etc.).

Arara: desde já as discussões serão levadas para as aldeias, em novembro/dezembro haverá um trabalho mais intensivo de discussão e organização. Nessa ocasião deverá ser acordado o cronograma e pré-produção detalhados da Oficina de Fechamento do PPP Arara (data, logística, alimentação, participantes de cada GT, etc.).

Kararaô: desde já as discussões serão levadas para as aldeias, em novembro haverá um trabalho mais intensivo de discussão e organização. Nessa ocasião deverá ser acordado o cronograma e pré-produção detalhados da Oficina de Fechamento do PPP Kararaô (data, logística, alimentação, participantes de cada GT, etc.).

Juruna: desde já as discussões serão levadas para as aldeias, em novembro haverá um trabalho mais intensivo de discussão e organização. Nessa ocasião deverá ser acordado o cronograma e pré-produção detalhados da Oficina de Fechamento do PPP Juruna (data, logística, alimentação, participantes de cada GT, etc.).

- Até o final de dezembro muitas discussões nas aldeias devem ter acontecido, as comissões devem estar organizadas, e o cronograma e pré-produção das Oficinas de Fechamento dos PPPs deve estar pronto.

- As Oficinas de Fechamento dos PPPs serão realizadas em uma aldeia de cada povo, a partir do mês de fevereiro, de acordo com a programação feita.

A SEMED e Verthic ficam responsáveis por articular as agendas dos assessores para as discussões.

Os professores indígenas ficam responsáveis por já iniciar as discussões do PPP nas aldeias, com apoio dos professores não indígenas e demais assessores, já começando a formar as comissões.

Nas aldeias em que não há professores indígenas, os professores não indígenas devem contar para a comunidade tudo o que aconteceu nessa oficina e começar com eles a discussão do PPP.

BOM TRABALHO!!!

Anexos

Legislação:

A partir da Constituição de 1988, as diferenças culturais e linguísticas dentro do território brasileiro passaram a ter sua existência garantida por lei:

“(...) são reconhecidos aos índios a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”

Na questão das escolas indígenas, o Artigo 210 desta Constituição garante aos povos indígenas, *“o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”* (MEC, 1998: 32) – Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, 1998 .

Em 1996, o governo brasileiro faz com que os nossos direitos conquistados na Constituição sejam também garantidos na educação escolar indígena, através da *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. No Artigo 79 desta Lei estão os objetivos que deverão orientar os nossos programas de formação escolar:

“1º - fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

2º - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

3º - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

4º - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.”

Para os povos indígenas, as diferenças na carga horária, na forma de organizar os anos letivos e o calendário escolar das escolas indígenas, são garantidas por lei. Por isso o calendário próprio é permitido pela Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 3, de 10 de novembro de 1999, que diz:

“Art. 4º – As escolas indígenas, respeitados os preceitos constitucionais e legais que fundamentam a sua instituição e normas específicas de funcionamento, editadas pela União e pelos estados, desenvolverão suas atividades de acordo com o proposto nos respectivos projetos pedagógicos e regimentos escolares com as seguintes prerrogativas:

I – organização das atividades escolares, independentemente do ano civil, respeitando o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas;

II – duração diversificada dos períodos escolares, ajustando-as às condições e às

